



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

DANIELE FERREIRA RIBEIRO

MÍDIAS NA ESCOLA: RECURSOS DIDÁTICOS OU  
FINS PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA?

Campina Grande-Pb

2011

DANIELE FERREIRA RIBEIRO

MÍDIAS NA ESCOLA: RECURSOS DIDÁTICOS OU  
FINS PEDAGÓGICOS NAS AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA?

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup>. Ms. Elizabeth Maria da Silva

Campina Grande-Pb  
2011

## FOLHA DE APROVAÇÃO

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Elizabeth Maria da Silva  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marli Hermenegilda Pereira  
(Examinadora)

---

Daniele Ferreira Ribeiro  
(Orientanda)

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Dedico este trabalho a toda a minha família: aos meus pais, exemplos de força, determinação e sabedoria, que sempre me incentivaram a nunca desistir; às minhas irmãs; aos meus amigos e a todos que estiveram ao meu lado.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, por ter me abençoado durante toda a minha caminhada, me dando forças para prosseguir e concluir mais uma etapa importante da minha vida.

A minha família, por estar sempre presente, me apoiando e me incentivando a continuar, com força e vontade, a minha vida acadêmica.

Em especial, a minha mãe Rubenita e a minha irmã Daisy, pelas sábias palavras que, ditas no momento certo, me fizeram desistir da ideia de não continuar a cursar esta graduação.

Ao meu pai, Valdir, pelo apoio incondicional para me oferecer uma boa educação.

As minhas irmãs, Denisy e Dyane, por serem exemplos de pessoas que me ajudaram a seguir em frente.

Ao meu sobrinho Rafael, pelos momentos de alegria proporcionados em todas as férias.

Aos meus avós e aos meus tios Ronaldo e Romênia, pela sensação de orgulho passada em suas palavras. A minha tia Nita, por ter me proporcionado a primeira experiência como professora, me incentivando ainda mais a concluir esse curso superior.

Aos meus amigos que caminharam comigo nessa trajetória. A Jussara, Arinélis e, principalmente, Milena por ter se “aventurado” comigo na coleta dos dados deste trabalho.

A minha orientadora, Elizabeth Maria da Silva, pela atenção e paciência a mim dispensadas, bem como, pelos conhecimentos comigo compartilhados.

A Marciano, por todas as orientações e providências burocráticas que me permitiram concluir o curso.

## RESUMO

A educação é um dos segmentos sociais que vem sendo modificado pela presença das mídias, exigindo do professor novas formas de ensinar, voltadas para formação de um aluno crítico e mais exigente perante os conteúdos midiáticos que lhes são apresentados. Para que a criticidade seja desenvolvida, contudo, é necessária capacitação profissional de ordem teórica e prática, reconhecendo que usar mídias em favor da educação é ir além de tê-las como recurso didático, concebendo-as a partir de finalidades pedagógicas. Assim sendo, a presente monografia teve dois objetivos: (1) Averiguar se professores de Língua Portuguesa das séries finais do ensino fundamental das redes pública e privada de Campina Grande-PB utilizam mídias em sala de aula e (2) Em caso afirmativo de 1, verificar de que maneira os professores utilizam as mídias em suas aulas: como recurso didático ou com uma finalidade pedagógica definida. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritivo-interpretativista, cujo *corpus* foi composto por questionários aplicados com professores de Língua Portuguesa. O estudo foi fundamentado em autores como Kenski (2003), Prado (2005), Coscarelli (2005), Moran (2009) e Almeida (2007). Os resultados obtidos sinalizaram que todos os professores participantes da pesquisa disseram fazer uso de pelo menos uma das cinco mídias focalizadas no trabalho (impressa, televisiva, internet, rádio e audiovisual). Além disso, evidenciaram que tanto os professores da rede pública quanto os da rede privada utilizam de forma semelhante as mídias, predominando o uso pedagógico.

Palavras-chave: Mídias. Recurso didático. Recurso pedagógico

## ABSTRACT

Education is one of the social fields that have been modified by the presence of the media, demanding the teacher new ways of teaching, which aim the formation of critical and more demanding students before the media contents that are presented to them. For the development of criticality, however, professional training is required in theoretical and practical dimensions, recognizing that media use for education must go beyond of having them as didactic resources, conceiving them from pedagogical purposes. Thus, this monograph has two objectives: (1) Check if Portuguese Language teachers of the final years of the primary education from the public and private teaching network in Campina Grande-PB use media in the classroom and (2) If 1 is affirmative, see in which way teachers use media in their classes: as a didactic resource or with a defined pedagogical purpose. To this end, we performed a descriptive-interpretative research, whose corpus consisted of questionnaires to teachers of Portuguese Language. The study was based on authors such as Kenski (2003), Prado (2005), Coscarelli (2005), Moran (2009) and Almeida (2007). The obtained results highlight that all teachers participating in the survey said they make use of at least one of the five media focused on this work (print, television, internet, radio and audiovisual). Moreover, the results observed that both public school teachers as the private network ones use the media in a similar way, prevailing in this case, the pedagogical use.

Keywords: Media. Didactic Resource. Pedagogical Resource.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> – Formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa .....	35
<b>TABELA 2</b> – Comparativo das porcentagens referentes às mídias utilizadas como recurso didático por professores das escolas públicas e particulares.....	42
<b>TABELA 3</b> – Comparativo das porcentagens referentes às mídias utilizadas com fins pedagógicos por professores das escolas públicas e particulares. ....	45



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....	14
1.1 Mídias e sala de aula: uma relação necessária .....	14
1.2 Tecnologias e Mídias: algumas reflexões .....	15
1.2.1 O campo das Tecnologias .....	15
1.2.2 O campo das Mídias .....	16
1.3 Inserir ou integrar mídias na sala de aula? .....	18
1.3.1 A integração de mídias e as contribuições para a aprendizagem.....	20
1.4 Mídias, trabalho docente e exigências de novas competências.....	28
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	37
3.1 Mídias na sala de aula: resultados iniciais .....	37
3.1.1 Mídias utilizadas como recursos didáticos: televisão e rádio .....	41
3.1.2 Mídias utilizadas com fins pedagógicos: internet, jornal e revista impressos e vídeos .....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE A.....	54

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um período em que as informações nos chegam em grande quantidade e de forma abrupta. Segundo Albino Rubim (2000 *apud* SANTAELLA, 2002, p. 45), é a chamada “Idade Mídia”, representada pelos meios de comunicação em desenvolvimento crescente.

Tvs, rádios, jornais, revistas e internet são alguns desses meios midiáticos. Eles nos transmitem mensagens multifacetadas cada vez mais acessíveis em qualquer lugar onde estejamos. Hoje, exercem tal influência sob a sociedade que são considerados um “poder” nos levando a consumir mais, a mudar concepções políticas, a escolhermos nossa religião, a preferir determinados padrões de beleza entre tantos outros comportamentos sociais.

Tudo isso é feito de forma extremamente sutil através de programações e/ou conteúdos que consideramos interessantes ou divertidos.

Diante dessa presença massiva que nos é apresentada de forma agradável a ser consumida, torna-se difícil reconhecer as várias nuances que perpassam o discurso midiático. Percebê-las, portanto, torna-se um ponto importante a ser desenvolvido com vistas a nos tornarmos menos alienados e seres sociais mais críticos e exigentes.

É nessa perspectiva que se julga relevante o uso de mídias na educação, já que o aluno é parte integrante da sociedade na qual está inserido e, como tal, tem acesso a conteúdos diretamente participantes de sua formação. Logo, há de se reconhecer também que esse é um assunto que deve ser discutido sob um olhar mais crítico voltado a uma educação para o mundo fora do ambiente escolar.

Acerca disso, Martins (2007, p. 204) coloca que

O uso de diferentes mídias pode contribuir para o indivíduo desenvolver compreensões sobre o mundo e sobre a cultura em que vive, além de provocar transformações nas formas de perceber e apreender a realidade.

As mídias podem ser ferramentas interessantes para a promoção de uma educação centrada na formação para o mundo dentro e fora da escola. Uma forma de alcançar esse objetivo é, pois, levando-as para dentro das salas de aula, integrando-as aos conteúdos curriculares, transformando o ambiente de aprendizagem com novas dinâmicas pedagógicas.

Moran (1994, p. 22) corrobora esse pensamento quando diz que

A escola pode e precisa estabelecer pontes com os Meios de Comunicação. Pode utilizá-los como conteúdo de ensino, como ponto de partida mais dinâmico e interessante diante de um novo assunto a ser estudado. Podem os Meios apresentar o próprio conteúdo de ensino (cursos organizados em vídeo, por exemplo), bem como, ser eles próprios, objeto de análise, de conhecimento (estudo crítico da televisão, do cinema, do rádio, dos jornais e das revistas). A escola pode combinar as produções escritas convencionais com as produções audiovisuais, principalmente em vídeo, que capacitam o aluno a se expressar de forma mais viva e completa.

Dessa forma, é preciso que a escola desperte para essa nova forma de ensino que está emergindo cada vez mais forte e repense sua relação com as mídias deixando de ignorá-las e usando-as dentro de seu ambiente.

Cabe ressaltar que usá-las não significa tão somente trabalhar com tecnologias ou adquirir e utilizar equipamentos que tornem as aulas expositivas mais atrativas. Ao contrário disso, trata-se de integrar, de fato, as mídias nas aulas, explorar seu potencial, aproximar o aluno de suas formas de produção.

Tal integração exige novas habilidades do professor que precisa estar aberto para o novo e reconhecer modificações em seu papel, agora mais de mediador do que de detentor e expositor de conhecimento.

Abreu (2009, p. 55) nos coloca que os professores “tentam descobrir outras formas de atuar, de intervir enfim, tentam redimensionar seu papel de professor na era da informação”. São adequações inerentes a todos os campos profissionais, fruto das transformações sociais, que inevitavelmente adentram também ao campo da educação.

Percebemos, nesse rumo, que muito se tem feito pela integração de mídias em sala de aula. Investimentos de programas federais e estaduais a exemplo do Proinfo<sup>1</sup> e do Programa Mais Educação<sup>2</sup>, refletem o reconhecimento das contribuições das mídias para o ensino. Escolas das redes públicas e particulares investem nas novas formas de ensinar, nos novos recursos, na melhoria da qualidade da educação através de novos métodos que preparem os alunos para viverem no mundo da informação.

---

<sup>1</sup> Programa Nacional de Informática na Educação

<sup>2</sup> Proposta de ensino em período integral nas escolas e que dispõe, dentro de suas opções, a possibilidade de execução de oficinas de rádio.

Uma vez cientes desses investimentos, formulamos duas perguntas norteadoras da pesquisa aqui relatada:

1. Professores de Língua Portuguesa das séries finais do ensino fundamental das redes pública e privada de Campina Grande-PB utilizam mídias em sala de aula?;
2. De que forma os professores utilizam as mídias em suas aulas: como um recurso didático ou com um fim pedagógico?

Entendemos que esta pesquisa nos ajuda a ter uma visão mais concreta do uso que está sendo feito das mídias nas aulas de Língua Portuguesa, em Campina Grande, dando margem para o desenvolvimento de outros estudos que venham a enaltecer os acertos e buscar soluções para as falhas encontradas na prática docente envolvendo mídias.

Além disso, esse estudo poderá incitar a auto-avaliação dos professores, que têm papel crucial na formação de cidadãos, quanto a sua práxis, envolvendo o uso de mídias no processo de construção de conhecimentos. Não obstante, “muito ainda precisa ser estudado, muito ainda precisa ser trocado entre os profissionais da educação a respeito do cotidiano pedagógico atual” (ABREU, 2009, p. 55).

Ademais, este trabalho apresenta uma contribuição teórica sobre o tema em questão, visto que há poucos estudos na área sobre o que dizem os professores acerca da utilização de mídias no contexto escolar, em especial, estudos que focalizem os docentes que atuam nas séries finais do ensino fundamental.

Para responder às perguntas supracitadas, traçamos os seguintes objetivos:

Objetivo geral: refletir sobre o uso de mídias nas aulas de Língua Portuguesa nas redes pública e privada da cidade de Campina Grande-PB.

Objetivos específicos:

1. Averiguar se professores de Língua Portuguesa das séries finais do ensino fundamental das redes pública e privada de Campina Grande-PB utilizam mídias em sala de aula;
2. Em caso afirmativo de 1, verificar de que maneira os professores utilizam as mídias em suas aulas: como recurso didático ou com uma finalidade pedagógica definida.

As nossas hipóteses eram as de que a utilização de mídias ainda é restrita em escolas de Campina Grande; e que as mídias são mais utilizadas como recurso didático do que com fins pedagógicos, resultante do desconhecimento dos professores acerca das diferenças entre essas duas possibilidades. No entanto, tais hipóteses não se confirmaram, conforme mostramos no capítulo 3.

A propósito da organização da monografia, está estruturada em 3 capítulos, excetuando a presente introdução, as considerações finais, as referências e o apêndice.

No primeiro capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados – realização de pesquisa descritivo-interpretativista, cujo *corpus* foi constituído por respostas dadas por professores de Língua Portuguesa que ministram aulas nas séries finais do ensino fundamental de escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande.

No segundo, produzimos a fundamentação teórica composta pelos seguintes tópicos: 2.1 *Mídias e sala de aula: uma relação necessária*, que traz discussões teóricas acerca da presença da mídia no contexto escolar, bem como a diferenciação entre mídias e tecnologias e entre inserção e integração de mídias nas aulas; e 2.2 *Mídias, trabalho docente e exigências de novas competências*, que trata mais especificamente da formação de professores e novas competências exigidas desse profissional no cenário educacional atual.

No terceiro e último capítulo, apresentamos os resultados obtidos, bem como a discussão sobre os mesmos, no que diz respeito à utilização e à forma de utilização de mídias na sala de aula pelos professores alvo da pesquisa.

# 1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

## 1.1 Mídias e sala de aula: uma relação necessária

A presença das mídias no nosso cotidiano é um fato inegável e de forma inevitável vem modificando as formas de pensar e agir na sociedade. Tal presença está, aos poucos, sendo considerada também no contexto escolar a partir do uso de mídias na sala de aula.

A facilidade de acesso à informação através de TV, rádio, jornal, internet, revistas e outros meios de comunicação é crescente e faz parte do processo de aprendizagem dos alunos, como afirma Assumpção (1999, p.2):

Os meios de comunicação social constituem uma segunda escola, uma escola paralela à convencional. Com sua linguagem subliminar e encanto, atraem e prendem a atenção, produzem e reproduzem a linguagem e cultura.

O aluno contemporâneo, inserido em uma sociedade midiaticizada, é diariamente bombardeado por informações que partem de diversos meios, fato que contribui para que a aprendizagem não esteja limitada ao ambiente escolar, mas aconteça paralelamente a ele e, às vezes, de forma mais atraente e prazerosa.

Por isso, encontram-se nas escolas alunos cada vez mais exigentes que sentem a necessidade de estabelecer uma relação entre o que é aprendido na escola e o mundo no qual estão inseridos. Para atender a essa necessidade, Almeida (2007, p. 163) propõe que seja seguido um caminho integrado “de modo a propiciar ao aluno a aprendizagem significativa para a sua atuação no mundo”. A utilização de mídias em sala de aula é um desses caminhos, conforme afirma Martins (2007, p. 204):

O uso de diferentes mídias pode contribuir para o indivíduo desenvolver compreensões sobre o mundo e sobre a cultura em que vive, além de provocar transformações nas formas de perceber e apreender a realidade.

Integrar as mídias no contexto escolar é, pois, uma estratégia importante que aproxima o aluno da realidade, contribuindo com a sua criticidade diante do que

lhe é apresentado. Na literatura sobre mídias na educação, há alguns trabalhos com resultados satisfatórios que evidenciam a relevância dessa estratégia, conforme comentaremos no subitem 2.3.1.

## **1.2 Tecnologias e Mídias: algumas reflexões**

### **1.2.1 O campo das Tecnologias**

Os termos tecnologia e mídias têm sido recorrentemente usados nos últimos anos. No entanto, são, por vezes, confundidos e utilizados como sinônimos, quando, na verdade, se referem a conceitos diferentes.

De acordo com Kensky (2006), a tecnologia faz parte de nosso cotidiano e está presente na realização de ações corriqueiras como dormir, comer, trabalhar, etc. Segundo a autora, ela está tão próxima e presente, no nosso dia a dia, que a percebemos com naturalidade e não a consideramos mais como tecnologia, é o caso, por exemplo, de talheres, pratos, panelas, fogões, etc., que foram pensados e planejados para realizarmos ações referentes à alimentação, porém, hoje não são mais vistos como tecnologias.

O mesmo pensamento é compartilhado por Prado (s/d, p. 3) quando coloca que é dessa forma natural como nos relacionamos com a tecnologia que resultam interpretações equivocadas para o termo. A autora acrescenta que o imaginário das pessoas cria situações em que avanços tecnológicos parecem adquirir vida própria, se tornam seres possuidores de elevado nível de inteligência que ora são salvadores do mundo, ora ameaçam toda e qualquer espécie de vida. Essa ideia melhor se esclarece pela tendência que apresentamos de, inconscientemente, relacionarmos tecnologia à robótica e ao avanço desenfreado das máquinas em substituição ao homem.

Seguindo essa linha de raciocínio, Kensky (2006, p.18) define o termo tecnologia como sendo “O conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. Tal definição é ampliada por Prado (s/d, p.3) ao dizer que a tecnologia

É um conceito com múltiplos significados que variam conforme o contexto, podendo ser vista como: artefato, cultura, atividade com determinado objetivo, processo de criação, conhecimento sobre uma técnica e seus respectivos processos etc.

A autora salienta, ainda, que “a técnica faz parte do sistema sócio-técnico global, sendo planejada e construída pelo homem que, ao utilizá-la, apropria-se dela, reinterpretando-a e reconstruindo-a” (PRADO, s/d, p.4).

As definições apresentadas sinalizam, de modo geral, que a tecnologia pode ser entendida como todo e qualquer avanço em conhecimentos, planejamentos e desenvolvimento de equipamentos e técnicas que venham a melhorar e promover mais facilidades na vida das pessoas. Ela é produto de uma sociedade e se dissemina entre diferentes culturas, logo, está em estado permanente de aperfeiçoamento, uma vez que adquire novos significados, de acordo com o processo de reconstrução e reinterpretação realizado pelo homem.

Esse mesmo processo nos faz perceber que as tecnologias proporcionam uma evolução na capacidade das atividades humanas, já que são historicamente relatadas como revoluções tecnológicas. Nesse sentido, é comum ouvirmos dizer que estamos na era tecnológica, no entanto, em todas as eras, há o predomínio de um tipo de tecnologia, logo, todas as épocas são tecnológicas, conforme destaca Kensky (2006).

O uso inadequado da expressão revoluções tecnológicas, para referirmos somente ao período no qual vivemos, deve-se, provavelmente, ao fato de que as tecnologias digitais são mais visíveis e predominantes no momento atual, motivo que contribui para que sempre associemos a ideia de tecnologia à inovação, modernidade e complexidade de equipamentos.

### **1.2.2 O campo das Mídias**

As tecnologias abrangem alguns segmentos mais específicos dentre os quais estão as Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs), que contribuem para a difusão de informações em todo o mundo. O jornal, o rádio, a televisão, a revista e a internet são exemplos de tecnologias que facilitam a comunicação e a propagação de informações. Esses veículos são também chamados de mídias (SANTAELLA, 2002).



A autora referida propõe dois sentidos para o termo Mídias: um estrito e outro amplo. No primeiro caso, a palavra mídias “se refere especificamente aos meios de comunicação de massa, especialmente aos meios de transmissão de notícias e informação”. Já no segundo, se refere a qualquer meio de comunicação de massa, não somente aos que transmitem notícias, mas também às mensagens publicitárias veiculadas em qualquer meio. Nas palavras da autora, “podemos falar em mídia para nos referirmos a uma novela de televisão ou a qualquer outro de seus programas, não apenas aos informativos” (SANTAELLA, 2002, p. 45).

Recuperando um passado recente, as mídias eram inicialmente suportes tecnológicos através dos quais era realizada a comunicação, mas, aos poucos, elas perderam essa natureza, de modo que “criaram suas próprias lógicas, suas linguagens e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas” (KENSKI, 2003, p. 25). Assim como as tecnologias, as mídias interferem no dia a dia das pessoas, fazendo parte delas, não mais como meras tecnologias, mas como complementos, companhias e continuação de seus espaços de vida.

O desenvolvimento das tecnologias e das mídias alterou a vida em sociedade e, conseqüentemente, o papel da escola à qual se impõe um novo desafio: o de ser um espaço de discussão crítica acerca da recepção dos conteúdos veiculados.

Para dar conta desse desafio, vários caminhos vêm sendo percorridos pelos profissionais de educação. Cursos de capacitação e formação continuada já são oferecidos para aperfeiçoar a prática pedagógica do professor diante dessa nova realidade de ensino. O Ministério de Educação e Cultura (MEC), acompanhando essa tendência atual, desenvolve programas específicos com vistas a incentivar os professores de educação básica a utilizarem mídias integradas às salas de aula. A TV Escola, que está em exibição há mais de dez anos, e o Programa Mídias na Educação podem ser citados como destaques nesse segmento. Em ambos, a finalidade é a de contribuir para a formação de educadores que integrem as mídias em suas atividades pedagógicas, interagindo com uma sociedade bem desenvolvida tecnologicamente.

Nesse sentido, as estratégias de ensino e aprendizagem são constantemente modificadas para acompanhar as transformações sociais, e como a

mídia pode ser considerada parte fundamental desse processo de transformação, torna-se imprescindível trabalhá-la também no contexto escolar. No entanto, é preciso atentar para a forma como a mídia vem sendo utilizada pelos educadores nas salas de aula, conforme comentaremos no próximo item.

### **1.3 Inserir ou integrar mídias na sala de aula?**

Levar tecnologias da comunicação para sala de aula não significa dizer que necessariamente se está trabalhando com mídias. A diferença está no uso pedagógico que se faz desses recursos. É nesse sentido que se confunde inserção com integração de mídias na educação.

Sobre essa diferenciação, Prado (s/d, p. 3) diz que:

Integrar – no sentido de completar, de tornar inteiro – vai além de acrescentar o uso de uma mídia em uma determinada situação da prática escolar. Para que haja a integração, é necessário conhecer as especificidades dos recursos midiáticos, com vistas a incorporá-los nos objetivos didáticos do professor, de maneira que possa enriquecer com novos significados as situações de aprendizagem vivenciadas pelos alunos.

Integrar mídias é, pois, promover o aprendizado através da leitura do que é real e próximo do aluno. É resultado do planejamento de aulas e da definição de objetivos a serem alcançados pelo professor quando do uso de determinada mídia.

A integração de mídias somente se dá quando existe o direcionamento pedagógico adequado do professor. Dessa forma, o teor educativo da mídia se efetiva no momento em que há clareza quanto às atividades que serão desenvolvidas a partir do seu uso: que mídia utilizar? Quais os motivos que levaram a escolha de uma e não de outra? Como utilizá-la na sala de aula?

É nesse momento que se reafirma a necessidade da capacitação do professor-mediador do conhecimento. Conforme aponta Almeida (2005, p. 43):

caso o professor não conheça as características, as potencialidades e as limitações das tecnologias e mídias ele poderá desperdiçar a oportunidade de favorecer um desenvolvimento mais poderoso do aluno.

É o que acontece com a solicitação de atividades sem objetivos traçados, tais como a digitação de trabalhos escolares no laboratório de informática da escola, ou o recorte de estruturas gramaticais em revistas e jornais, ou, ainda, a exibição de filmes com vistas a entretenimento e/ou alternativa para preencher horários de aulas.

Nos exemplos acima citados, se percebe que não há o favorecimento de nenhuma situação de aprendizagem. Pode-se falar de inserção de mídias, mas não de sua integração à prática docente.

Nessa perspectiva de uso didático de mídias, Coscarelli (2005) faz algumas reflexões quanto à utilização do computador na sala de aula. A autora coloca que, por si só, ele não traz grandes contribuições ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o professor pode substituir o quadro e o giz por essa tecnologia, porém, a essência pedagógica continua sendo a mesma: a transmissão de conhecimentos em detrimento da “construção coletiva do saber” (COSCARELLI, 2005, p. 27).

O recurso do computador pode ser válido se adequado a situações diferentes de aprendizagem, com estratégias também diferentes para cada situação. Dessa forma, a ação somente será considerável se o professor tiver em mente essas possibilidades de uso e de planejamento de atividades específicas que variam conforme o contexto sócio-comunicativo.

Nas palavras da autora, “podemos e devemos usar o computador, como fonte de informação, que ajudará os alunos a responder suas perguntas, a levantar novos questionamentos, a desenvolver projetos e a confeccionar diversos produtos”. (COSCARELLI, 2005, p. 28). Vale salientar que isso é alcançável não pelo computador em si, mas pela internet que, se bem utilizada, é uma incontestável fonte de conhecimento.

Assim, fica clara a distinção entre mídia enquanto recurso didático e mídia enquanto finalidade pedagógica. No primeiro caso, ela é utilizada sem um objetivo bem definido e o professor é tido como um transmissor de conhecimento. Para Prado (s/d, p. 3), é uma ação pequena, “é pouco numa perspectiva educacional que concebe o uso das mídias integrado no processo de ensino e aprendizagem”.

No segundo caso, ideal e produtivo para a prática docente, a mídia é utilizada com uma finalidade pedagógica definida, em que não propicia a

transferência, mas a construção do conhecimento pelo aluno. Sendo assim, o professor é concebido como um mediador que visa explorar ao máximo as potencialidades da mídia escolhida para uso. Acerca disso, Prado (s/d, p.4) afirma que

a mediação do professor deve propiciar que as informações veiculadas por esta mídia sejam interpretadas, ressignificadas e, possivelmente, representadas em outras situações de aprendizagem, que possibilitem ao aluno transformar as informações em conhecimento.

A prática pedagógica do professor, que pretende ter a mídia como parceira no processo de ensino e aprendizagem, deve ser fundamentada num conhecimento mais preciso desse recurso. Para tal, o professor deve conhecer as mídias e as particularidades de cada uma delas, a fim de melhor explorá-las e promover o real aproveitamento do aluno.

Por fim, cabe ratificar que trabalhar com mídias em sala de aula não se trata apenas de levar para dentro da escola as tecnologias da comunicação, é preciso definir uma finalidade, vislumbrar um resultado na aprendizagem do aluno e também nas suas relações com o mundo fora do ambiente escolar.

### **1.3.1 A integração de mídias e as contribuições para a aprendizagem**

A eficácia da integração de mídias em sala de aula já vem sendo observada em relatos referentes à aplicação de projetos na escola, que demonstram avanços significativos na participação e na aprendizagem dos alunos. Atividades escolares que envolvem jornal impresso, TV, rádio, cinema e internet têm confirmado a relevância da integração de mídias na educação.

Em se tratando das mídias impressas, destacam-se o trabalho de leitura e produção de jornais, com vistas a contribuir com o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, bem como de suas capacidades de leitura, escrita e expressão oral.

Perini (1985 *apud* FARIA, 2007, p. 11) reconhece a contribuição do jornal na sala de aula para o ensino de língua portuguesa, afirmando ser um objeto realista para o ensino de língua, em que leitura e escrita aparecem em uma relação dialética consolidada por uma atividade prática, dispensando uma abordagem tradicional de

sistematização da língua e de descrição gramatical. Ou seja, “é uma oportunidade de ensinar língua de maneira pragmática, espontânea, partindo sempre de assuntos que interessem os alunos ou cujo interesse o professor seja capaz de suscitar”. (FARIA, 2007, p. 15)

Isso representa uma forma alternativa de proporcionar ao aluno a prática de uma língua viva. É, pois, um recurso em que acontecimentos diários do mundo são lidos e/ou escritos, favorecendo melhorias no domínio da língua, realidade nem sempre alcançável quando se tem apenas os livros didáticos como materiais norteadores do trabalho escolar, os quais também não são necessariamente, adequados à realidade de cada sala de aula.

Entretanto, as contribuições do jornal vão além do ensino de língua. H. Homian & Marques de Melo (1979 *apud* Faria, 2007, p. 13) compartilham da ideia de que “o jornal escolar é uma abertura de espaço efetivo para a liberdade do aluno dentro da escola”. Utilizado com finalidade pedagógica, ele representa um espaço de expressão dos alunos e de desenvolvimento da cidadania, fruto de um processo de aprendizagem voltado à leitura crítica dos textos e, conseqüentemente, à leitura crítica do mundo. Dessa forma, o jornal na sala de aula é visto como uma “estratégia pedagógica multifacetada” (FARIA & ZANCHETTA, 2007, p. 148), ou seja, não como um fim, mas como um meio para o trabalho do professor.

Alário (s/d) na pesquisa “Relatando Experiências: o jornal no cotidiano escolar” demonstra o uso dessa mídia impressa na perspectiva de estratégia pedagógica acima mencionada. O objetivo era relatar experiências de professores do ensino infantil e fundamental, em escolas públicas e particulares na cidade de Sertãozinho-SP, que se utilizam do jornal enquanto finalidade pedagógica. Os resultados revelaram que os educadores reconhecem o jornal como um importante recurso de informação, conhecimentos e instrumentos que subsidiam suas práticas pedagógicas.

Os relatos dos professores do ensino fundamental indicaram que o jornal permite aos alunos algo além da leitura da palavra: a leitura da realidade que os cerca, devido à grande variedade de informações nele contidas. Ressaltaram a importância da utilização do jornal para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, pois, a variedade de assuntos permite que eles se deparem com temas

diversos tais como política, religião, esportes, sociedade, cidadania, cultura, consumo e lazer.

A pesquisa constatou também que a presença do jornal na escola aumenta o desenvolvimento, a integração e a sociabilidade do educando, contribuindo com a construção do saber, desenvolvendo hábitos, atitudes e habilidades de trabalho que permitem tanto o crescimento do professor quanto do aluno.

Percebe-se, então, que a integração da mídia impressa no contexto escolar proporciona benefícios consideráveis em uma realidade educacional, que exige formas mais dinâmicas de concretização da relação de ensino e aprendizagem.

Contribuição semelhante é percebida no trabalho com o rádio em sala de aula. Essa mídia apresenta um grande potencial como estratégia pedagógica e, hoje, é um recurso que está bem mais fácil de ser utilizado tanto pela disponibilidade de tecnologias como pela necessidade de integração entre toda a comunidade escolar.

O rádio pode ser usado como recurso que colabora para melhorias na vida do aluno tanto do ponto de vista do currículo escolar, quanto de sua vivência pessoal e atuação crítica e social na comunidade onde está inserido. No entanto, essa abrangência vai depender da exploração de seu potencial pelos professores tomados como mediadores do conhecimento.

Em se tratando das contribuições dentro do currículo escolar, Consani (2007) ressalta que o rádio na escola tem caráter interdisciplinar, sendo uma mídia passível de aproveitamento em todas as disciplinas.

Citando apenas o aproveitamento em Língua Portuguesa, o referido autor afirma que o trabalho com rádio permite minimizar as dificuldades de escrita demonstradas por alunos em todas as séries escolares.

Segundo ele, a maioria dos problemas de escrita está relacionada à tentativa de se escrever exatamente como se fala, e o trabalho com rádio ajuda a reduzir esse problema, porque, na sua produção, faz-se uso simultâneo dessas duas modalidades da língua. A comunicação oral por meio do rádio pressupõe um planejamento escrito prévio que, em sala de aula, dá margem para boas estratégias de ensino.

Consani (2007, p. 30-31) aponta algumas estratégias de melhorias em língua portuguesa relacionadas ao fazer radiofônico. Entre elas estão:

- Permitir que todos os participantes do processo educativo tenham vez e voz – o que consegue disponibilizando o acesso aos instrumentos da radiofonia e incentivando os mais tímidos a se expressarem, ainda que por escrito (seus textos poderão ser lidos no ar por outros colegas);
- Elaborar projetos e roteiros radiofônicos – substituindo o improvisado pelo ato de planejar o que será produzido. Assim, tanto se aprende a estruturar as ideias, quanto a elaborar roteiros para entrevistas, reportagens, radionovelas e todos os demais gêneros da radiofonia;
- Transformar matérias de jornal em pautas para rádio – além de implicar a leitura constante e atenta do noticiário impresso, essa tarefa obriga o aluno a transpor, para uma linguagem coloquial e direta (mas nem por isso incorreta ou pobre), a essência dos fatos narrados;
- Transcrever trechos irradiados para o papel – essa tarefa costuma apresentar bons resultados quando se trabalha com a música. A base da comunicação verbal parte de percepção auditiva e é ela que deve ser desenvolvida em primeiro lugar para dar suporte às atividades de escrita e expressão oral;
- Transformar histórias narradas em prosa em roteiros de radiodramaturgia – as diferenças entre a linguagem escrita e a falada se evidenciam quando tentamos transformar em diálogos ações que são apenas descritas;
- Revisar o que se escreve – de preferência num contexto coletivo. A elaboração conjunta de um texto minimiza a ocorrência de erros, e a revisão conjunta do texto permite que os parceiros da produção aprendam uns com os outros num exercício de inteligência coletiva (...).

Compartilhando do mesmo pensamento, Ismar de Oliveira Soares, em entrevista à revista Nova Escola, se posiciona afirmando que o rádio

Abre um espaço comunicativo que age na esfera da expressão. A criação desse canal é que favorece a aprendizagem. Um ganho imediato é no campo da escrita; como as crianças precisam escrever a pauta do programa, fazer o roteiro de uma radionovela ou redigir notícias, muitas delas, que nunca ou pouco haviam escrito, estão

apresentando textos muito mais bem estruturados. (SOARES, 2003, p. 47 *apud* FRANCISCO & SOBRAL, 2010, p.73)

Diante do exposto, fica clara a relevância em utilizar o rádio em sala de aula como contribuição para a aprendizagem. A partir de uma finalidade explícita para as produções textuais, o aluno pode apresentar maior interesse pela escrita e se expressar de forma mais adequada em gêneros variados.

Todavia, além de melhorar a aprendizagem escolar, o rádio é um instrumento de comunicação entre a escola e a comunidade local, de forma que, para essa comunidade, ele é um instrumento de mobilização, sensibilização, informação e entretenimento. É nesse sentido que temos a contribuição dessa mídia na formação educacional do aluno sob outra perspectiva: a da sua atuação crítica e social no mundo.

Segundo Assumpção (1999), conhecendo a linguagem radiofônica, o educando poderá compreender a função desse meio de comunicação na sociedade contemporânea. Tendo participado como produtor dele, o aluno será, conseqüentemente, um consumidor mais exigente que não aceita passivamente as mensagens veiculadas, dado ao fato de que a produção envolve mais conhecimento do que percepção dos conteúdos.

A comprovação de bons resultados acerca uso do rádio na escola, fruto das duas abordagens acima mencionadas, é demonstrada na pesquisa “Radioescola: locus de cidadania, oralidade e escrita” publicada pela UNIrevista<sup>3</sup>, no ano de 2006. A proposta do estudo era verificar se o rádio contribui para o exercício efetivo da cidadania e desenvolvimento de habilidades como a produção de textos escritos e orais. Para tanto, foram entrevistados alunos e professores de duas escolas públicas municipais de Curitiba – PR.

Confrontando os dados colhidos com os professores e com os alunos, a pesquisa demonstrou como resultados a confirmação de que o trabalho com rádio reflete positivamente na formação dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de produção de texto e expressão oral. Além disso, também possibilita a conscientização do estudante como cidadão participante do contexto social, pois o trabalho tanto o envolve com temas e discussões extra-escolares,

---

<sup>3</sup> Publicação eletrônica de periodicidade semestral, destinada à divulgação da produção científica e acadêmica apresentada em eventos. Tal revista tem por objetivo dar visibilidade às realizações intelectuais das diferentes áreas de conhecimento.



como exige dele responsabilidade e respeito com os colegas, ouvintes e fontes na divulgação das informações.

Os professores entrevistados revelaram que a utilização do rádio na escola proporcionou avanços significativos aos alunos, incentivando a leitura, a escrita, o debate, o questionamento, a discussão, o interesse e a criticidade diante da realidade.

A pesquisa reforça a ideia de que, desde que utilizadas de forma adequada, com uma finalidade pedagógica bem definida, as mídias são aliadas no favorecimento da aprendizagem, objetivo maior da escola.

Seguindo essa mesma perspectiva, fazemos referência às contribuições da mídia audiovisual, já que a televisão, o vídeo e o cinema estão, em geral, dentro das salas de aula e possibilitam a realização de modificações no espaço escolar.

Assim como vimos fazendo até agora, na mídia impressa e radiofônica, iremos expor as contribuições da mídia audiovisual para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa e aquisição de conhecimentos para o mundo.

Para o ensino de língua, apontamos, dentro do campo audiovisual, o uso do cinema como recurso eficaz. Napolitano (2009, p. 41) coloca que o cinema “pode estimular o desenvolvimento da linguagem verbal e da compreensão textual”. Filmes estrangeiros, por exemplo, que são em grande número exibidos no Brasil, exigem habilidades de leitura que vão sendo constantemente aperfeiçoadas. Além disso, o momento posterior à exibição permite trabalhos diversos voltados à escrita, sejam para realizar análises interpretativas e produções de resenhas, sejam para recontar histórias, descrever cenas e personagens, etc.

O referido autor também aponta uma larga contribuição do cinema na literatura. Um trabalho válido é o de comparação de textos literários e suas respectivas adaptações fílmicas.

Em se tratando do desenvolvimento de habilidades críticas em relação à realidade na qual está inserido o aluno, Almeida (2005, p. 41) discorre sobre a integração de mídias audiovisuais dizendo que:

criar espaços para a identificação e o diálogo entre essas formas de linguagem (produzida na integração entre imagens, movimentos e sons característicos da mídia audiovisual) e permitir que os alunos se expressem de diferentes maneiras são ações que favorecem o desenvolvimento da consciência crítica sobre a influência da mídia e

respectivas estratégias direcionadas a determinados grupos sociais, num grupo complexo em que se encontram implícitos, sutilmente, os significados que se pretende impor a esse público.

Dessa forma, presentes na escola, essas mídias permitem o desenvolvimento do pensamento crítico acerca dos conteúdos por elas veiculados, contribuindo para transformar as formas de percepção e apreensão da realidade.

As mídias audiovisuais são, assim, opções a mais para se trabalhar em sala de aula, favorecendo o compartilhamento do conhecimento entre professor e aluno, de forma espontânea e interessante.

Moran (2009, p. 1), em entrevista publicada no Portal do Professor do MEC, defende que:

Os vídeos facilitam a motivação, o interesse por assuntos novos. Os vídeos são dinâmicos, contam histórias, mostram e impactam. Facilitam o caminho para níveis de compreensão mais complexos, mais abstratos, com menos apoio sensorial como os textos filosóficos, os textos reflexivos.

Os vídeos são, dessa forma, recursos válidos para estimular a participação dos alunos nas discussões de determinados temas, seja como meros espectadores, seja como debatedores, seja, ainda, como produtores midiáticos.

Nessa perspectiva, Moran (2009) elenca algumas formas de aproveitamento do vídeo no contexto escolar, a saber: uso como motivação e sensibilização dos alunos para um novo tema; como ilustração ou para contar, mostrar e tornar próximos, temas complicados; como vídeo-aulas; e como produção individual ou coletiva.

Ainda em se tratando da relação do aluno com o mundo que o cerca, o uso de audiovisuais em sala de aula proporciona, segundo o referido autor, maior interesse dos estudantes, aulas mais atraentes, desenvolvimento da criatividade e melhor fixação dos assuntos principais estudados na escola.

Resultados favoráveis como esses também são observados na utilização da internet no ambiente escolar.

O aprendizado auxiliado por essa mídia rompe barreiras geográficas, culturais, sociais e econômicas, tendo em vista que as mesmas informações podem ser acessadas através da rede em qualquer lugar do mundo. A internet pode

contribuir com o processo de ensino e aprendizagem por proporcionar um ambiente interativo, rico e atrativo aos seus usuários.

Associado a isso, Côrtes (2010) diz que a internet na sala de aula aumenta a motivação dos alunos e a participação prazerosa nas atividades, além de promover o aumento na qualidade dos trabalhos desenvolvidos, melhoramento das habilidades de leitura da língua materna e línguas estrangeiras. Ademais, permite a possibilidade de socialização não somente com os alunos da sua comunidade, mas com o mundo. O blog é uma boa referência em se tratando do uso da internet na promoção do aprendizado.

Na pesquisa “Blog como um espaço alternativo para a avaliação das aulas” realizada com alunos do 9º ano de uma escola do município de Soledade – PB, Lima (2009) ilustra as contribuições da internet para a educação.

A autora observou os efeitos do uso da internet em sala de aula como forma de incentivo para encontros mais dinâmicos e interativos no ambiente de aprendizagem escolar. Para tanto, foi analisado um blog, criado com o objetivo de que comentários sobre as aulas de língua portuguesa ministradas na referida escola municipal fossem compartilhados tanto pelos alunos quanto pela professora.

A pesquisa indicou que, nesse tipo de atividade, há participação expressiva dos alunos e, conseqüentemente, interesse pelas propostas levantadas em sala de aula.

Diante do exposto neste subitem, percebemos que trabalhar com mídias em sala de aula surte efeitos positivos e favorece uma aprendizagem significativa, de forma prazerosa.

No entanto, tal aprendizagem somente se efetiva quando há um objetivo bem definido no uso das mídias que, por sua vez, passam a possuir finalidades além de mero suporte tecnológico ou recurso para atividades pontuais e superficiais. Assim sendo, elas precisam ser aproveitadas em todo o seu potencial para a formação de educandos voltados ao mundo e que estão em contato direto e com informações diversas.

## 1.4 Mídias, trabalho docente e exigências de novas competências

A facilidade de acesso à informação, promovida pela presença das tecnologias digitais e das mídias no cotidiano, vem provocando mudanças nas formas de aprender e, conseqüentemente, nas formas de ensinar. É o que nos coloca Kenski (2003, p. 91) quando afirma que “estamos vivenciando um momento de transição social que se reflete em mudanças significativas na forma de pensar e de fazer educação”.

Freitas (2009, p. 60), seguindo essa mesma perspectiva, afirma que “as transformações culturais e as novas condições de produção dos conhecimentos levam a novos estilos de sociedade” os quais, por sua vez, modificam as formas de construção do conhecimento e recriam processos de ensino e aprendizagem.

Isso implica dizer que metodologias tradicionais de ensino não atendem mais às necessidades do aluno contemporâneo, uma vez que ele, de forma cada vez mais acelerada, mantém contato direto com tecnologias que lhe apresentam conteúdos e informações em quantidade e tempo irrestrito.

A esses alunos, que nasceram e estão inseridos em um mundo digital, Jordão (2009) chama de *Nativos Digitais*: uma geração que acompanha naturalmente o ritmo das novas tecnologias sem a necessidade de uma aprendizagem intermediada, já que desde os primeiros anos de vida o contato com as diferentes tecnologias se dá espontaneamente, como se desde sempre aquilo fizesse parte do seu desenvolvimento cognitivo.

Além desses chamados de *Nativos Digitais*, existem aquelas pessoas de uma geração passada que não nasceram nesse mundo digital e, portanto, estão, em geral, tentando acompanhar a evolução das tecnologias. Elas são denominadas por Jordão (2009) de *imigrantes digitais*, grupo no qual estão inseridos os professores.

Considerando a diferença acima apresentada, emerge a necessidade de reflexão acerca das melhores formas de ensinar visando um aluno nativo digital que apresenta novas formas de aprender. Conforme aponta Jordão (2009, p. 11),

não adianta mais usar as mesmas estratégias utilizadas por nossos professores, e que funcionaram tão bem conosco. Temos que nos adaptar à agilidade de pensamento e à velocidade do acesso à informação que nossos alunos possuem atualmente.

Nesse sentido, instaura-se uma nova configuração de ensino que não requer o sistema linear, usado tradicionalmente por vários anos, mas um sistema randômico, que, “repleto de conexões, com incontáveis possibilidades de caminhos a se percorrer, como é o caso da internet, por exemplo, está muito mais próximo da forma como o aluno pensa e aprende” (JORDÃO, 2009, p. 10). Em outras palavras, quando, no processo de aprendizagem, o aluno faz uso de elementos recorrentes no seu cotidiano, consegue apreender os conteúdos de forma mais agradável e eficaz.

O professor é o responsável por iniciar esse processo de mudança, levando para a sala de aula novas formas de relacionar o conhecimento adquirido dentro da escola com o mundo fora do ambiente escolar.

Diante disso, entendemos que falar em professor na perspectiva contemporânea de desenvolvimento acelerado de tecnologias e presença massiva da mídia é falar em mediação. Nessa perspectiva, Oliveira & Avelar (2010, p. 3) apontam que

Seu papel [do professor] mudou completamente, mas continua essencial, pois será sempre a capacidade do professor para selecionar e explorar as tecnologias adequadas ao seu contexto específico que dará a devida dimensão ao seu uso na educação, não só porque facilitará as tarefas de ensino, mas principalmente porque poderá facilitar e ampliar a aprendizagem de seus alunos.

Esse raciocínio considera o conhecimento como uma construção feita pelo aluno e não mais como transmissão feita ao aluno, conforme salienta Abreu (2009).

A integração de mídias e tecnologias no cotidiano escolar promove esse tipo de aprendizado, considerando o aluno como nativo digital, bem como pode contribuir para a inserção daqueles que, por motivos diversos, não estão entre os nativos digitais, mas têm a oportunidade de adentrarem neste mundo através do tipo de ensino o qual têm acesso. No entanto, isso requer adequação do professor às novas formas de comunicação e tecnologias que se intensificam a cada dia e que por isso devem ser usados com vistas a um trabalho pedagogicamente eficiente.

É preciso considerar que o profissional de educação precisa acompanhar as mudanças na sociedade contemporânea, assumindo o papel anteriormente citado de mediador do conhecimento. Tal acompanhamento somente é possível a partir de cursos de formação de professores.

Nesse sentido, Almeida (2005) coloca que é no processo de formação que o educador tem a oportunidade de vivenciar papéis diferentes, ora como aprendiz, ora como observador da atuação de outro professor. Essa vivência promove reflexões acerca de seu papel no desenvolvimento de projetos que integrem tecnologias e mídias para a produção de conhecimentos.

Segundo a referida autora,

A concepção dessa formação é a de continuidade e serviço, de processo, não buscando um produto pronto, mas sim a criação de um movimento cuja dinâmica se estabelece na reflexão na ação e na reflexão sobre a ação (...) Não se trata de uma formação voltada para a atuação no futuro, mas sim de uma formação direcionada pelo presente, tendo como pano de fundo a ação imediata do educador. (ALMEIDA, 2005, p. 44)

Acerca desse aspecto, convém ressaltar que grande parte das pesquisas é mais enfática quanto à questão da formação de professores para a utilização de tecnologias em sala de aula. Em se tratando da formação para o uso de mídias no ambiente escolar, há poucos estudos produzidos na área.

A utilização de computadores e da informática em sala de aula parece ser a maior preocupação de pesquisadores como Batista & Segenreich (2006); Oliveira & Avelar (2010); Jordão (2009); Kenski (2003); Freitas (2009) e Abreu (2009). Todos convergem em um mesmo ponto: não basta a formação técnica do professor para lidar com tecnologias em sala de aula, é preciso conhecimento teórico sobre as implicações dessas tecnologias na realidade do aluno.

Moran (2008, p. 168, *apud* MARTINS; JORDÃO & DOMINGUES, 2010 p. 5) ratificam essa necessidade de aquisição de conhecimento teórico para o uso de mídias e tecnologias em sala de aula, complementando que “educar é um processo complexo, que exige mudanças significativas, investimento na formação de professores para o domínio dos processos de comunicação da relação pedagógica e o domínio das tecnologias”.

Assim sendo, o trabalho com mídias somente se efetiva satisfatoriamente quando o professor tem conhecimento de suas especificidades, de sua influência na sociedade. É esse conhecimento que conduzirá as escolhas pedagógicas mais coerentes para um trabalho com objetivos bem delineados e resultados satisfatórios.

Nesse sentido, Batista & Segenreich (2006) colocam que

a inclusão digital do professor vai além da simples inserção dos profissionais da educação no “universo” das tecnologias de informação e comunicação. Requer, sobretudo, apropriação de postura crítica e predisposição para a aprendizagem permanente, de modo que a utilização desses recursos otimize positivamente o processo de construção de conhecimento no lugar de reforçar hábitos de memorização e instrumentalização técnica. (BATISTA & SEGENREICH, 2006, p. 1)

Percebemos que o posicionamento crítico perante as tecnologias é o grande diferencial no processo de ensino/aprendizagem. A ele, Freire (1987 *apud* Batista & Segenreich, 2006) destaca a necessidade do ensino a partir de uma postura dialógica em que, de forma colaborativa, os alunos vão estabelecendo relações com diferentes campos do saber. “Assim, trava-se uma relação triádica entre educador-educando-objeto do conhecimento, caracterizada pelo falar, ouvir, ser, questionar, criticar, transformar” (BATISTA & SEGENREICH, 2006, p. 4).

Como resultados desse processo estão a possibilidade do aprendizado com teor crítico por parte dos alunos e as novas posturas pedagógicas por parte do professor.

Martins (2007, p. 216) compartilha da mesma ideia ao observar que a prática docente envolve dinamismo e dialeticidade entre o fazer e o pensar sobre o fazer pedagógico, de forma que “por estarem pensando criticamente, a prática de hoje ou de ontem podem melhorar a próxima prática”. Isso implica um progresso gradativo da qualidade da educação oferecida por profissionais mais bem preparados e conscientes de sua função.

Embora mais direcionada para o uso de tecnologias em sala de aula, essa mesma postura dialógica pode ser estendida para o uso de mídias no ambiente escolar. Tomando a educação enquanto processo que visa à participação social dos alunos, à visão crítica diante do mundo e à autonomia na construção do conhecimento, pensamos que a formação dos professores deve se dá de forma qualificada tornando esses profissionais aptos para utilizarem as mídias adequadamente no ensino e garantir a aprendizagem a que se propõe.

Para isso, segundo Kenski (2003, p. 89), “é preciso que ele [o professor] possa estar preparado para dialogar junto com seus alunos – com outras realidades,

fora do mundo da escola”, atuando, assim, na abrangência das mídias presentes em todos os espaços sociais.

Para atender a essa necessidade, é imprescindível reconhecer a importância da inclusão dessa discussão no momento da formação inicial, bem como, considerando-se que o mundo está em constante modificação, no aperfeiçoamento através dos programas de formação continuada.

Em se tratando da formação inicial, podemos apontar uma lacuna: alguns cursos superiores de formação de professores ainda não contam, em sua grade curricular, com disciplinas relacionadas ao uso de mídias em sala de aula, fato que acarreta no pouco interesse dos graduandos e, por sua vez, no pequeno número de produções acadêmicas envolvendo a temática.

Nesse sentido, percebe-se a contradição de que, embora seja sabida a necessidade de integração de mídias em sala de aula, as metodologias não são contempladas no momento crucial da formação do profissional. O resultado é, pois, a propagação de ações arcaicas, mais tarde criticadas pela própria academia.

De acordo com Oliveira & Avelar (2010), a inclusão de uma disciplina que discuta o uso de mídias em sala de aula representa um dos caminhos para que os futuros professores cheguem às escolas com o domínio das habilidades básicas na execução de um trabalho que se propõe formar cidadãos críticos para o mundo.

Em se tratando daqueles profissionais que já estão em sala de aula, existem os cursos presenciais ou a distância, treinamentos realizados nas próprias escolas e convênios com universidades para aprimorar o debate e aperfeiçoar a prática pedagógica.

Vários cursos já são oferecidos, no Brasil, com esse propósito. É o caso do Programa de Formação Continuada Mídias na Educação que possui três níveis distintos de formação, a saber, o Básico e o Intermediário, que apresentam certificação de extensão, e o nível Avançado que oferece certificação em nível de especialização.

As redes de televisão educativas também dão a oportunidade de capacitação. Como exemplos podem ser citadas: a TV Escola, da Fundação Roquete Pinto do MEC, a TV Cultura, da Fundação Padre Anchieta de São Paulo e o Canal Futura, das Organizações Globo de Televisão.



Todos esses meios voltados à capacitação profissional do educador sinalizam para uma mesma concepção: a de que professores e alunos precisam adquirir o hábito de analisar, criticar e contestar as informações que lhes são apresentadas para, assim, poder perceber as nuances dos discursos midiáticos que cotidianamente lhes cercam.

Casali ratifica esse pensamento afirmando que

É preciso que os educadores se dêem conta de que a mídia representa um campo do conhecimento que deve ser ensinado assim como outros conteúdos disciplinares, a fim de que os egressos das escolas constituam-se verdadeiramente como cidadãos – em uma sociedade já midiaticizada. (CASALI, 2008, p.7)

Não se trata, pois, de se capacitar a usar a mídia em sala de aula. O hábito anteriormente referido somente se efetiva quando há conhecimento prático e, indispensavelmente, teórico do professor que deve ter finalidades além das requeridas no âmbito escolar.

É preciso reconhecer que alcançar tal nível exige mudanças significativas a começar pela reconstrução da prática pedagógica através da reflexão sobre a sua própria ação, a funcionalidade das tecnologias, a realidade dos alunos, da escola e das possibilidades de uso dentro dessa realidade.

Diante do exposto enfatizamos a necessidade da implantação de uma política de formação de professores que permita repensar a prática pedagógica levando em consideração a educação no contexto atual. Acreditamos que é essa formação que permite a constituição real de uma sociedade do conhecimento.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Tipo de pesquisa

Para atender aos objetivos propostos no presente trabalho, desenvolvemos uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa do tipo descritivo-interpretativista. Trata-se de um estudo cujo “nível de análise permite identificar as características dos fenômenos, possibilitando, também, a ordenação e a classificação destes” (RICHARDSON, 2008, p.71). No caso desta pesquisa, foram quantificadas, descritas e interpretadas as mídias utilizadas pelos professores, a frequência de uso e suas finalidades.

### 2.2 *Corpus* da pesquisa

O *corpus* foi composto pelas respostas dadas aos questionários aplicados com professores de Língua Portuguesa das séries finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) de escolas públicas e particulares da cidade de Campina Grande-PB.

### 2.3 Instrumento de coleta

Para a coleta dos dados, recorreremos à aplicação de um questionário composto por sete perguntas fechadas que versaram sobre o uso de mídias em sala de aula (vide apêndice A). Nele, foram contempladas, principalmente, questões relacionadas ao uso e à finalidade dada pelos professores à utilização de seis mídias, a saber: TV, rádio, internet, revista, jornal e vídeos.

### 2.4 Contexto e sujeitos da pesquisa

Ao total, foram visitadas 20 escolas, sendo 10 pertencentes à rede pública estadual e 10 à rede particular de ensino, as quais foram escolhidas pelo critério de representatividade e referência na cidade. O número mínimo de alunos matriculados do 6º ao 9º ano nessas instituições é de 250 estudantes e, no que diz respeito aos

professores de Língua Portuguesa, cada unidade visitada possui de 2 a 5 docentes dessa disciplina.

Em se tratando dos questionários, foram entregues 62 unidades<sup>4</sup> a serem respondidas por todos os professores de Língua Portuguesa de cada escola. No entanto, obtivemos resposta de somente 27 professores, sendo 15 da rede particular e 12 da rede pública, cuja formação acadêmica pode ser observada na tabela a seguir:

Formação Acadêmica	Escolas Particulares	Escolas Públicas	Total Geral
Professores com ensino superior completo	6 (40%)	5 (41%)	11 (40,7%)
Professores com ensino superior incompleto	1 (7%)	2 (17%)	3 (11,2%)
Professores com pós-graduação em nível de especialização	6 (40%)	3 (25%)	9 (33,3%)
Professores com pós-graduação em nível de mestrado	2 (13%)	2 (17%)	4 (14,8%)

**Tabela 1** – Formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa

Os dados nos mostram que, em termos de formação acadêmica, as escolas contam com profissionais qualificados, visto que são poucos os que ainda não concluíram a graduação (11,2%). Grande parte deles já cursou pós-graduação, seja em nível de especialização seja de mestrado, contudo, juntos, somam 48,1%, não chegando à metade do total dos profissionais em atuação, prevalecendo, pois, o menor nível de exigência para exercer a profissão.

Fazendo um comparativo entre as duas redes de ensino, a tabela revela que a rede particular está à frente da rede pública por apresentar mais da metade (53%) de pós-graduados (40% especialistas e 13% mestres) e menor número de professores com o curso superior incompleto (7%). Nas escolas públicas, esses números são de 42% de pós-graduados (25% de especialistas e 17% de mestres) e 17% com ensino superior incompleto.

<sup>4</sup> Foram entregues 39 questionários nas escolas particulares e 23 nas escolas públicas.

Essa diferença entre a formação acadêmica dos professores das duas redes de ensino parece não ter interferido no uso que eles fazem das mídias em sala de aula, visto que obtivemos resultados semelhantes acerca das finalidades de tal utilização em ambas as redes, conforme mostramos no capítulo 3.

A propósito dos sujeitos participantes dessa pesquisa, como dito anteriormente, somente tivemos o retorno de 27 questionários. Entretanto, esse déficit na quantidade de respostas recebidas já era esperado pelo fato de termos optado pela aplicação de questionários, um recurso de coleta que, embora eficiente, possui desvantagens que comprometem o tempo da pesquisa e o resultado no número de participantes, porém, pela proposta do estudo, esse recurso mostrou-se o mais apropriado.

Apesar dos inconvenientes, podemos dizer que os dados coletados foram suficientes, já que, de acordo com Marconi & Lakatos (2008), dos questionários expedidos pelo pesquisador, apenas uma média de 25% são devolvidos, e tivemos o retorno de 43% do material distribuído.

A coleta dos dados foi iniciada no mês de outubro de 2010 com previsão para ser concluída no mesmo mês, mas, se estendeu até o início de dezembro devido à dificuldade de recolhimento do material respondido.

Os questionários eram entregues a um funcionário da escola (coordenador ou diretor) que se responsabilizava por aplicá-los com os professores, recolhê-los devidamente respondidos e, em seguida, nos devolver. Uma vez que não tínhamos acesso direto aos professores para aplicação dos questionários, ficamos na dependência de tais funcionários que, por motivos diversos, nem sempre cumpriam com os prazos previamente acordados, prolongando, assim, o tempo para recolhimento dos dados.

## 2.5 Categorias de Análise

Após a coleta e o estudo dos dados, verificamos que os professores tanto da rede pública quanto da privada utilizam mídias com finalidades semelhantes. Nesse sentido, organizamos esses dados em duas categorias de análise: 1) mídias usadas como recurso didático; e 2) mídias utilizadas com fins pedagógicos.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1 Mídias na sala de aula: resultados iniciais

Nesta análise, apresentamos a recorrência e as principais finalidades do uso de cinco mídias (televisiva, rádio, vídeo, impressa<sup>5</sup> e internet) na sala de aula, com base na opinião de professores de Língua Portuguesa que lecionam em escolas públicas e particulares da cidade de Campina Grande.

Conforme respostas dadas ao questionário entregue a esses sujeitos, percebemos que todas as mídias referidas são utilizadas, porém, algumas se sobressaem, como é o caso da TV, do jornal, dos vídeos e da revista impressa que lideraram na preferência dos professores tanto da rede pública como da particular, não tendo sido constatadas, portanto, diferenças de uso nas duas redes de ensino.

O rádio foi, nesse contexto, a mídia menos usada, apresentando grande disparidade se comparada às demais. Os resultados mostraram que 74% dos professores<sup>6</sup> disseram não usá-lo em sala de aula. Desse universo, 60% justificaram esse não uso afirmando nunca ter pensado na possibilidade de inseri-lo em suas aulas, o que implica dizer que, embora seja muito utilizado no cotidiano das pessoas, o rádio ainda não é uma ferramenta pedagógica, já que está fora dos planejamentos de aula de boa parte dos professores entrevistados.

Sobre o potencial da referida mídia e sua presença na vida da população, Francisco & Sobral (2010, p.73) dizem que

O rádio é uma das mídias mais usadas diariamente pela população brasileira, ou seja, segundo dados do IBOPE 90,2% das casas brasileiras possuem rádio. Ele é ainda um meio de comunicação de baixo custo e de fácil manuseio e que atende às necessidades de informação e comunicação de todas as classes sociais. Assim, a potencialidade de utilização da mídia radiofônica é inúmera e vai desde a informação e o entretenimento ao uso como ferramenta pedagógica que auxilia o trabalho do professor ajudando aos discentes no desenvolvimento de diversas habilidades e competências.

Apesar dessa presença evidente no dia-a-dia da população, percebemos que o uso do rádio nas salas de aula das escolas pesquisadas ainda é muito restrito

---

<sup>5</sup> No caso da mídia impressa, estamos considerando o jornal e a revista.

<sup>6</sup> As porcentagens presentes neste item remetem ao total de professores das duas redes de ensino.

mesmo já existindo projetos e estudos que comprovam as contribuições dessa mídia para a formação dos alunos.

Como exemplo de projetos bem sucedidos podemos citar o Educom.rádio (*Educomunicação pelas Ondas do Rádio*), integrado ao Programa Rádio Escola da SEED-MEC e fruto de parceria entre a Escola de Comunicações e Artes da USP e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto desenvolve ações utilizando a linguagem radiofônica para o aprimoramento pedagógico de comunidades escolares, o desenvolvimento de protagonismos cidadãos e o treinamento de grupos profissionais envolvidos com educação.

Ismar de Oliveira Soares<sup>7</sup> (2003, *apud* Francisco & Sobral, 2010, p.73), referência em estudos relacionados ao uso de mídias na educação, também nos coloca que o trabalho com o rádio promove ganhos pedagógicos efetivos no momento em que permite a expressão do aluno favorecendo, assim, a aprendizagem.

Nessa mesma perspectiva de aproveitamento, que permite a expressão do aluno, também destacamos as considerações de Consani (2007) e de Assumpção (2006) que defendem que a mídia rádio desenvolve a oralidade e a expressão escrita, o senso crítico, a pesquisa, a colaboração, a participação em grupo e o protagonismo juvenil.

Entretanto, os resultados da nossa pesquisa revelaram que ainda prevalece certa resistência do aproveitamento do rádio no contexto escolar. Talvez, isso ocorra pela falta de conhecimento teórico dos educadores acerca das contribuições dessa mídia para o aprendizado.

Assim como o rádio, outra mídia também apresentou pequena incidência nas aulas dos professores sujeitos da pesquisa. Trata-se da internet que foi mencionada em sua grande parte como usada raramente.

Apenas 59% dos professores que participaram da pesquisa afirmaram usar a internet em suas aulas, número pequeno se considerado o interesse dos alunos pela rede mundial de computadores.

Tal distanciamento da internet das salas de aulas pode ter como explicação a ausência de computadores com acesso à internet nas escolas, visto

---

<sup>7</sup> Ismar de Oliveira Soares é Coordenador do NCE – Núcleo de Comunicação e Educação e professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Também é coordenador do projeto Educom.rádio.

que dos professores da rede pública que afirmaram não usar a internet em suas aulas, 80% justificaram com o fato de a escola não possuir laboratórios de informática nem acesso à rede. Em se tratando das escolas particulares, 67% dos docentes disseram não contar com um laboratório conectado à internet e, por isso, o uso dessa mídia ainda é limitado.

Um fato que chama atenção é que 19% dos professores que afirmaram não usar a internet em suas aulas justificaram sua resposta dizendo nunca ter pensado nessa possibilidade. Já os 6% restantes não acreditam que essa mídia possa oferecer contribuições para a aprendizagem dos alunos.

Com isso, percebemos que existem professores que não se preocupam ou não percebem a necessidade de inovações da dinâmica pedagógica, uma vez que, se é claro que estamos vivendo em um mundo marcado pelas inovações tecnológicas digitais e a internet é cada dia mais presente no cotidiano, a educação também deve acompanhar, mesmo que minimamente, esse ritmo. Um educador que nem pensa nessa possibilidade ou não vê como promover o aprendizado partindo dessas inovações, revela implicitamente a sua metodologia tradicional de ensino que nem sempre representa ganhos para o aluno e para o próprio professor.

É nesse sentido que enfatizamos mais uma vez a falta de preparo de boa parte dos professores para levar à sala de aula novas formas de ensinar, novas alternativas para lidar com os chamados nativos digitais, conforme nos coloca Jordão (2009).

Assim sendo e também fundamentados em Prado (2005), compartilhamos da ideia de que as inovações no ensino e aprendizagem, a partir do uso de mídias, devem se dar em nível de integração e não de mera inserção em sala de aula.

Seguindo esse raciocínio, a análise dos resultados obtidos nos mostrou que as mídias vêm sendo, de forma geral, integradas no contexto escolar, embora não haja indicações de seu uso contínuo, conforme nos apontou a frequência com que foram utilizadas. As cinco mídias variaram entre “mais de uma vez por mês”, “uma vez por mês” e “raramente”, sendo mais recorrente o uso delas apenas uma vez por mês.

Mais uma vez nos remetendo a Prado (2005), compartilhamos também da ideia de que uma das formas de promover a integração das mídias no ensino é através da realização de projetos que aproximem o aluno das especificidades de

cada mídia e nesse aspecto a pesquisa mostrou que os professores deixaram a desejar.

Embora haja quantitativamente um bom uso das mídias, a integração por meio de projetos ainda é bem pequena: apenas 37% dos professores afirmaram ter realizado alguma atividade mais específica com seus alunos. Cabe ressaltar que todos docentes afirmaram, também, que houve boa participação e desempenho dos alunos, classificando como *ótima* as contribuições dos estudantes e confirmando que houve aprendizado efetivo, atendendo aos objetivos propostos. Isso demonstra que é válido integrar mídias no contexto de ensino porque elas contribuem para o aprendizado e de forma bem mais agradável, atraente e eficiente conforme aponta Assumpção (2006).

A pouca realização de projetos envolvendo as mídias pode estar relacionada à outra informação demonstrada pelos questionários, a de que somente 14% dos professores sujeitos da pesquisa já fizeram algum curso de capacitação voltado ao uso de mídias em sala de aula, ou seja, 86% afirmaram nunca ter feito nenhum tipo de capacitação na área. Ratificamos, então, que a falta de conhecimento teórico é, pois, um motivo que distancia as mídias do contexto de sala de aula.

As justificativas para esse baixo índice de interesse em formações voltadas ao uso das mídias foram os seguintes: 37% afirmaram não ter interesse por cursos dessa natureza; 26% afirmaram não ter tempo disponível; 16% disseram desconhecer a existência de cursos com esse enfoque; e 21% não disseram o porquê de não procurarem se capacitar.

Diante desses resultados, cabe uma reflexão acerca da prática pedagógica: se é fato que a mídia hoje está presente de forma irremediável na sociedade e de forma marcante na vida dos alunos, como haver desinteresse por parte dos educadores em melhorar sua dinâmica de sala de aula acompanhando as mudanças naturais que se consolidam com o passar dos anos?

Kenski (2003) coloca que estamos vivendo um momento que reflete novas formas de pensar e fazer educação, ou seja, os alunos apresentam novas formas de aprender e exigem, conseqüentemente, dos professores formas diferenciadas de ensinar. Isso diz respeito também ao uso de mídias e ao reconhecimento de que elas têm influenciado na vida dos estudantes e precisam,



portanto, ser levadas à escola para serem analisadas a fim de promover a formação de receptores mais críticos e menos alienados diante dos conteúdos que lhes são apresentados.

Os resultados da pesquisa mostraram que tais perspectivas de aproveitamento das mídias não estão sendo atendidas, visto que, acerca das mídias enfocadas, as respostas dos professores nos levaram a perceber que o rádio e a televisão foram utilizadas como recursos didáticos, servindo tão somente como suporte tecnológico para determinado fim. Já as outras (impressa, internet e vídeo) são usadas, na maioria dos casos, com um fim pedagógico, voltadas para a tentativa de contribuir, de fato, para a aprendizagem do aluno. Uma análise mais detida sobre esse resultado será feita nos subitens 3.1.1 e 3.2.2.

### **3.1.1 Mídias utilizadas como recursos didáticos: televisão e rádio**

Nesta seção, enfocamos as mídias que são utilizadas como recursos didáticos, de acordo com os participantes da pesquisa. Para tanto, detivemo-nos às respostas mais recorrentes que foram dadas a quatro perguntas principais do questionário, as quais remetem ao uso, ou não, da mídia em sala de aula, à frequência desse uso, sua finalidade e aos projetos que são desenvolvidos com os alunos.

Os dados aqui apresentados dizem respeito tanto aos professores da rede pública quanto aos da rede particular de ensino.

Para uma visão mais geral dos resultados, explicitamos os dados na tabela a seguir:

		Rede Particular		Rede Pública	
Pergunta	Respostas mais recorrentes	TV	Rádio	TV	Rádio
Usa essa mídia em sala de aula?	Sim	14 (93%)	4 (26%)	8 (66%)	3 (25%)
	Não	1 (7%)	11 (74%)	4 (34%)	9 (75%)
Com que frequência?	Mais de uma vez por mês	6 (42%)	-	1 (12%)	-
	Uma vez por mês	3 (21%)	2 (50%)	2 (25%)	2 (67%)
	Raramente	5 (35%)	1 (25%)	4 (50%)	1 (33%)
Qual a finalidade?	Introduzir ou complementar conteúdos em sala de aula.	13 (92%)	4 (100%)	8 (100%)	3 (100%)
Já realizou algum projeto envolvendo essa mídia?	Sim	3 (20%)	0	2 (16%)	1 (8%)
	Não	12 (80%)	15 (100%)	10 (84%)	11 (92%)

**Tabela 2** – Comparativo (em quantidade real e em porcentagem) das mídias utilizadas como recursos didáticos por professores das escolas públicas e particulares.

A tabela 2 nos mostra que a maioria dos professores das duas redes de ensino afirmou utilizar a mídia TV em sala de aula. Contudo, a referida mídia parece ser utilizada como recurso didático.

Das escolas particulares, 93% dos professores disseram que utilizam a televisão em sala de aula, dentre os quais, 72% disseram usá-la para introduzir ou complementar um conteúdo estudado nas aulas. Já nas escolas públicas, 66% dos professores afirmaram utilizar a TV, prevalecendo o mesmo objetivo apontado pelas escolas particulares.

Cabe ressaltar que, quando apresentamos, no questionário, essa finalidade para o uso da televisão, estávamos entendendo-a no sentido de aproveitamento de suas programações, e não enquanto mera tecnologia para reprodução de vídeos.

Assim sendo, inferimos que a maioria dos professores, das duas redes de ensino, faz uso da televisão enquanto recurso didático. Chegamos a essa conclusão

pelo fato de que oferecemos outras opções que mais claramente indicariam o uso com fins pedagógicos, a exemplo de “analisar e discutir os conteúdos veiculados pelas emissoras”, que foi apontado por apenas 23% dos professores das particulares e 8% dos das escolas públicas, e “produzir um programa televisivo” que não foi mencionado por nenhum dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Desse modo, percebemos que a mídia TV é mais utilizada na rede particular de ensino como um recurso didático. Isso significa um déficit no aproveitamento dessa mídia nas aulas, déficit porque se trata de uma mídia que influencia diretamente na vida das pessoas, é pauta de discussões diversas por causa disso, mas não está sendo tratada na escola de forma satisfatória voltada à contribuição para a formação de um cidadão mais consciente e crítico diante do que lhe é oferecido.

O mesmo resultado foi percebido no uso do rádio nas duas redes de ensino. Conforme questionário aplicado, apenas 26% dos professores das escolas particulares disseram utilizar a mídia radiofônica. Todos assinalaram a mesma alternativa indicando um único objetivo: introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula (através de músicas ou CDs de áudio, por exemplo).

Na rede pública, a reduzida porcentagem de 25% dos professores disse utilizar o rádio, e todos eles com a mesma finalidade já citada anteriormente.

Assim como observado em relação à mídia televisiva, verificamos que os professores também afirmaram usar o rádio enquanto recurso didático, uma vez que consideramos que passar músicas ou CDs de áudio não significa utilizá-lo com finalidade pedagógica. Além disso, havia, no questionário, outras opções que apontavam para fins pedagógicos, a exemplo de “analisar e discutir conteúdos e programações veiculadas pelas rádios locais” e “Produzir um programa radiofônico com os alunos”, opção mencionada por apenas 1 dos professores da rede pública.

No que tange à realização de projetos envolvendo essas mídias em sala de aula, percebemos uma quantidade muito pequena de produções relativas à TV e ao rádio.

Nesse aspecto, notamos que os professores não têm clara a diferença entre inserção e integração de mídias, uma vez que, dos 20% que afirmaram ter realizado projetos nas escolas particulares, 13% disseram utilizar a TV enquanto tecnologia e não como mídia passível de análise.

Um desses projetos utilizando a TV foi descrito como “estudo comparativo entre obra escrita e obra cinematográfica”, nos levando a pensar que a TV foi usada para exibição de filme, logo, como recurso didático. Aqui se pode dizer que a mídia vídeo foi utilizada com fim pedagógico, mas não a TV.

Diante do exposto, fica explícito que a TV e o rádio, de acordo com os professores sujeitos da pesquisa, são mais usados como recurso didático do que com finalidade pedagógica, salvo algumas exceções.

Consideramos esse resultado insatisfatório, uma vez que essas duas mídias são as mais presentes na sociedade, bem como as mais criticadas em relação aos conteúdos veiculados. Sentimos nesse ponto que há necessidade de capacitação dos profissionais para lidar com as mídias, principalmente a televisiva que hoje ocupa espaço significativo no cotidiano dos estudantes.

É preciso incentivar os professores a trabalharem e levarem mais a TV para a sala de aula a fim de formar telespectadores mais críticos menos passivos diante das programações.

### **3.1.2 Mídias utilizadas com fins pedagógicos: internet, jornal e revista impressos e vídeos**

As mídias que são usadas a partir de finalidades pedagógicas serão o foco dessa seção. À semelhança do subitem anterior, nos detemos às respostas mais recorrentes dadas pelos professores às perguntas relativas ao uso, ou não, da mídia em sala de aula, à frequência desse uso, sua finalidade e aos projetos que são desenvolvidos com os alunos.

O levantamento exposto a seguir diz respeito aos dizeres dos professores da rede pública, bem como dos da rede particular de ensino. Observemos a tabela 3:

Pergunta	Respostas mais recorrentes	Rede Particular (total de 15 professores)				Rede Pública (total de 12 professores)			
		Net	Jor.	Rev.	Víd.	Net	Jor.	Rev.	Víd.
Usa essa mídia em sala de aula?	Sim	9 (60%)	11 (73%)	14 (93%)	13 (86%)	2 (16%)	11 (91%)	9 (75%)	9 (75%)
	Não	6 (40%)	4 (27%)	1 (7%)	2 (14%)	10 (84%)	1 (3%)	3 (25%)	3 (25%)
Com que frequência?	Mais de uma vez por mês	2 (22%)	2 (18%)	3 (21%)	4 (30%)	2 (100%)	2 (18%)	2 (22%)	3 (33%)
	Uma vez por mês	2 (22%)	5 (45%)	6 (42%)	5 (38%)	0	5 (45%)	2 (22%)	2 (22%)
	Raramente	3 (33%)	3 (27%)	4 (28%)	3 (23%)	0	4 (36%)	5 (55%)	2 (22%)
Qual a finalidade?	Introduzir ou complementar conteúdos em sala de aula.	4 (44%)	8 (72%)	10 (71%)	4 (30%)	2 (100%)	7 (63%)	6 (66%)	4 (44%)
	Exibição e discussão de filmes	-	-	-	7 (53%)	-	-	-	3 (33%)
Já realizou algum projeto envolvendo essa mídia?	Sim	1 (6%)	4 (26%)	4 (26%)	3 (20%)	0	3 (25%)	0	3 (25%)
	Não	14 (94%)	11 (74%)	11 (74%)	12 (80%)	12 (100%)	9 (75%)	12 (100%)	9 (75%)

**Tabela 3** – Comparativo (em quantidade real e em porcentagem) das mídias utilizadas com fins pedagógicos por professores das escolas públicas e particulares.

Considerando a opinião dos professores entrevistados, as três mídias expostas na tabela 2 são mais utilizadas com finalidades pedagógicas pelas duas redes de ensino. No entanto, a preferência apontada por eles se deu de forma distinta.

Os professores das escolas particulares afirmaram fazer mais uso de revistas (93%), seguido de vídeos (86%), jornal impresso (73%) e internet (60%). Já os das escolas públicas deixaram claro que utilizam mais o jornal impresso (91%), seguido da revista (75%) e do vídeo (75%) e em último da internet (16%).

Os números nos levam a perceber que as mídias impressas – jornal e revista – são as mais usadas em salas de aula de escolas públicas e particulares. Ambas são utilizadas com a finalidade de introduzir ou complementar um conteúdo estudado.

A segunda finalidade mais apontada pelos professores foi a de analisar e discutir conteúdos e matérias veiculadas nos jornais e revistas. Para nenhuma dessas mídias, os professores afirmaram dar um direcionamento único como recurso didático, visto que a opção “Somente para entretenimento”, apresentada no questionário, não foi marcada por nenhum professor, bem como a finalidade “para recorte de figuras e imagens” foi mencionada em quantidade bem reduzida (11%). Assim sendo, inferimos que tais mídias são utilizadas priorizando a finalidade pedagógica.

A mídia impressa parece, nesse sentido, está integrada ao ensino, visto que a maioria dos projetos envolvendo jornais e revistas sinalizam para essa afirmação, além disso, embora em número bem pequeno, ambas as redes de ensino demonstraram preferência pela realização de projetos envolvendo essa mídia, seja para a produção de jornais escolares, seja para trabalhos de leitura e escrita. Isso representa ganhos significativos para o ensino que parece se dá de forma atrativa para os alunos tornando-os leitores e escritores funcionais, que compreendem o que leem e fazem uso social da escrita para se comunicar.

Salustiano (2001) se refere a esses ganhos no ensino com uso da mídia impressa discutindo mais especificamente a produção do jornal escolar. Segundo o autor:

Considerando-se que vivemos numa sociedade letrada e que a língua escrita está presente sob as mais diversas formas em nosso dia-a-dia, a produção do jornal escolar contribui para encurtar a distância entre o que se faz com a língua escrita no contexto social mais amplo e na escola. Dessa forma, aproximam-se as formas de emprego da leitura e da escrita na escola daquelas encontradas em casa, na rua, no trabalho. (SALUSTIANO, 2001, p. 14)

O trabalho com mídias impressas pode, portanto, contribuir no para a relação entre conhecimentos sociais e escolares, além de desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Em se tratando dos vídeos, percebemos que apareceram na pesquisa como sendo a segunda mídia mais utilizada, de acordo com os professores participantes das redes pública e privada. O uso deles, assim como da mídia impressa, foi direcionado pelos professores para a perspectiva de finalidade pedagógica, uma vez que, em sua grande maioria, o objetivo do trabalho foi direcionado à exibição e discussão de filmes relacionados às temáticas e/ou aos

conteúdos estudados. Nenhum professor disse dar aos vídeos direcionamento como simples recurso didático.

No que tange aos projetos envolvendo essa mídia e desenvolvidos com os alunos, os dados da pesquisa mostraram que, a partir das respostas dos professores, todos apresentaram um fim pedagógico. Tais projetos foram citados pelos professores como sendo voltados à descrição da produção de clipes; leitura e produção de depoimentos; produção de um programa de entrevistas e produção de um documentário sobre grafiteagem.

Observamos, então, que os projetos corroboram com a visão de Almeida (2007), que afirma que o trabalho com o audiovisual em sala de aula promove aprendizados significativos quando há a participação dos alunos na elaboração do produto midiático. Em suas palavras,

Criar espaços para a identificação e o diálogo entre essas formas de linguagem e permitir que os alunos se expressem de diferentes maneiras favorecem o desenvolvimento da consciência crítica sobre a influência da mídia e respectivas estratégias direcionadas a determinados grupos sociais, num jogo complexo em que se encontram implícitos sutilmente os significados que se pretende impor a esse público. (ALMEIDA, 2007, p. 161)

Concordando com essas colocações, podemos afirmar que os projetos parecem ter sido conduzidos na perspectiva adequada, proporcionando ao estudante a aproximação necessária para que haja o aprendizado.

Por fim, quanto à internet, foi a mídia que, de forma inesperada, ocupou a última colocação em preferência como ferramenta pedagógica em sala de aula. Por estarmos vivendo na “era tecnológica” conforme nos apontou Kenski (2003), esperávamos que o trabalho com internet fosse o mais realizado pelos professores, no entanto, os dados nos mostraram outra realidade.

Os professores das duas redes de ensino disseram usar a internet “raramente”, apresentando, contudo, uma finalidade pedagógica definida: “introduzir ou complementar um conteúdo estudado” e “analisar conteúdos veiculados pela rede”.

Embora esteja bem presente na realidade dos alunos, principalmente dos da rede particular, apenas 1 projeto foi desenvolvido utilizando rede mundial de computadores.

O baixo aproveitamento do potencial da internet para o ensino de língua portuguesa está relacionado, segundo os professores, à escassez de equipamentos nas escolas, principalmente nas escolas públicas que não contam com computadores disponíveis para acesso à internet pelos alunos.

No entanto, existem outras possibilidades de aproveitamento da rede nas aulas, principalmente nas escolas particulares em que grande parte dos alunos possui acesso à internet em suas residências. Além disso, há ainda outras facilidades de acesso para estudantes de ambas as redes de ensino, como é o caso das *lan houses*, por exemplo, que são recorrentemente utilizadas pelos jovens.

Assim sendo, mesmo sem os equipamentos no ambiente escolar, a internet pode ser usada para desenvolver atividades diversas desde que bem planejadas e acompanhadas pelo professor.

Diante do que foi exposto, pudemos verificar que o uso de mídias acontece de forma semelhante nas escolas públicas e nas escolas particulares, sobressaindo a finalidade pedagógica que foi observada em quatro das cinco mídias pesquisadas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feita a análise dos dados, chegamos à conclusão de que os professores sujeitos desta pesquisa utilizam a mídia em sala de aula, porém, com algumas restrições que nos levam a crer que muito do potencial dessas mídias não vem sendo explorado satisfatoriamente no ambiente escolar.

Nossa hipótese era de que o trabalho com mídias em sala de aula ainda se dava de forma tímida, sendo pouco presente nas aulas, mais especificamente, de Língua Portuguesa. Todavia, os dados coletados nos levaram a um resultado diferente do que esperávamos e percebemos que todos professores que participaram da pesquisa disseram fazer uso de pelo menos uma das cinco mídias referidas na pesquisa.

Outro resultado obtido foi o de que não há grandes diferenças entre o uso de mídias pelos professores da rede particular e os da rede pública de ensino. Os dados apontaram que as mídias são usadas em ambas as redes, sobretudo com fins pedagógicos, diferentemente do que imaginávamos.

Enfatizamos que, de acordo com os resultados da pesquisa, há integração das mídias no ambiente escolar, apesar do pequeno número de projetos realizados e do fato de que a TV e o rádio são mais utilizados como tecnologias e não como mídias, conforme mostramos no decorrer da análise.

O fato de haver poucos projetos e o mau uso da TV e do rádio pode se dar pela falta de conhecimento e/ou interesse dos professores em se aperfeiçoarem nessa área de estudo, desacreditando a relevância de levar à escola debates importantes para a formação do estudante.

É preciso considerar que a formação educacional do aluno deve ser pensada e voltada para a sua vivência em um mundo que está em processo permanente de modificação e que cada dia mais cerca o ser social de informações e mensagens através de diferentes mídias.

Nesse sentido, ressaltamos que esse universo midiático deve ser discutido no ambiente escolar de forma integrada às demais atividades, para que o aluno/cidadão possa perceber as nuances discursivas que permeiam os conteúdos veiculados e por ele consumidos.

No entanto, esse objetivo somente será cumprido se houver interesse do professor em contribuir para a boa formação de seu aluno, bem como houver incentivo, desde sua formação acadêmica, para que ele possa reconhecer que as mídias realmente contribuem para o aprendizado.

Por fim, vale salientar que, neste trabalho, nossa preocupação foi a de descrever e interpretar os dizeres dos professores quanto à utilização de mídias na sala de aula, de modo que suas reais práticas pedagógicas podem não estar de acordo com esses dizeres. Assim sendo, esse estudo suscita outras pesquisas, como observar a prática de professores junto aos alunos e analisar visão dos estudantes sobre a aprendizagem através do uso de mídias.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Rosane de Albuquerque dos Santos. Professores e internet: desafios e conflitos no cotidiano da sala de aula. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção leitura, escrita e oralidade)

ALÁRIO, Mônica Agda de Souza. **Relatando Experiências**: o jornal no cotidiano escolar. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anaisjornal/jornal1/comunicacoes>>. Acesso em: 17 out. 2010.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: \_\_\_\_\_; MORAN, José Manuel (org.). **Integração das tecnologias na educação**. Salto para o Futuro. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Integração de tecnologias à educação: novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In: \_\_\_\_\_; VALENTE, José Armando (Org.). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves. **A rádio na escola**: uma prática educativa eficaz. 1999. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/16370449/Radio-Escola-uma-pratica-educativa-eficaz>>. Acesso em: 15 fev. 2010.

\_\_\_\_\_. **Radioescola**: locus de cidadania, oralidade e escrita. 2006. Disponível em: <[http://www.alaic.net/ponencias/UNlrev\\_Assumpcao.pdf](http://www.alaic.net/ponencias/UNlrev_Assumpcao.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2010.

BATISTA, D. P.; SEGENREICH, S. C. D. Postura dialógica e uso do computador como ferramenta pedagógica: caminhos para inclusão digital do professor como docente. In: BUSTAMANTE, Sílvia. **Educação e tecnologia**: caminhos para a inclusão digital. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2006, p. 21 – 38.

CASALI, Caroline. **Diagnósticos em educomunicação**: investigação das práticas comunicativas em escolas do norte do RS. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, IX. 2008. Guarapuava,

CONSANI, Maciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. (Coleção Como usar na sala de aula).

CÔRTEZ, Nara. **A influência da internet no ensino fundamental**: os impactos na prática do ensino de língua portuguesa. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles>>. Acesso em: out de 2010.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: \_\_\_\_\_; RIBEIRO, Ana Elisa (org.). **Letramento digital**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2007a.

\_\_\_\_\_; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007b.

FRANCISCO, Deise Juliana; SOBRAL, Soray Brito Dantas. **Rádio educação**: a trajetória do programa Rádio Educ-se. In: Revista Edapeci. Ano II, Nº5. Disponível em: <<http://www.edapeci-ufs.net/revista/ojs-2.2.3/index.php/edapeci>>. 2010. p. 72-90.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A formação de professores diante dos desafios da cibercultura. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção leitura, escrita e oralidade)

JORDÃO, Teresa Cristina. A formação do professor para a educação em um mundo digital. In: Salto para o futuro. **Tecnologias digitais na educação**. Brasília, 2009. p. 9-16.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas. Papirus, 2003.

LIMA, Fabiana Cavalcanti. **Blog como um espaço alternativo para a avaliação das aulas**. 2009. 40f. Monografia (Especialização em Linguística Aplicada – Universidade Federal de Campina Grande).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Maria Cecília. Integração de mídias e práticas pedagógicas. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando (Org.). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

MARTINS, Mary Grace; JORDÃO, Tereza Cristina; DOMINGUES, Claudia Regina Stippe. **Formação de professores para o uso das tecnologias**. In: Seminário Web Currículo. Integração de tecnologias na prática pedagógica e no currículo, II, 2010. São Paulo.

MORAN, João Manuel. **Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção**. 2009. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/videos.htm>>. Acesso em: nov. 2010.

MORAN, João Manuel. **Os Meios de Comunicação na Escola**. 1994. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c\\_ideias\\_09\\_021\\_a\\_028.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_021_a_028.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes; AVELAR, Michele. **Por um novo perfil de competências docentes formação de professores e tecnologia**. In: Seminário Web Currículo. Integração de tecnologias na prática pedagógica e no currículo, II, 2010. São Paulo.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações**. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (org.). **Integração das tecnologias na educação**. Salto para o Futuro. Brasília, 2005.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias**.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SALUSTIANO, Dorivaldo Alves. **Usos e funções sociais da língua escrita no jornal escolar**. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 24<sup>a</sup>. 2001. Caxambu.

SANTAELLA, Lúcia. **A crítica das mídias na entrada do século XXI**. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). **Crítica das práticas midiáticas: sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

# APÊNDICE A

**Universidade Federal de Campina Grande**  
**Centro de Humanidades**  
**Unidade Acadêmica de Letras**  
**Disciplina: Monografia de Graduação**  
**Profª Elizabeth Silva**  
**Graduanda: Daniele Ferreira**

### QUESTIONÁRIO – A utilização de mídias na sala de aula

Nome da escola:

Professor(a) do:

( ) 6º ano      ( ) 7º ano      ( ) 8º ano      ( ) 9º ano

Formação Acadêmica

- ( ) Superior completo  
( ) Superior incompleto  
( ) Pós-graduação em nível de Especialização  
( ) Pós-graduação em nível de Mestrado

Já fez algum curso de capacitação voltado ao trabalho com mídias em sala de aula?

( ) Sim      ( ) Não

Em caso afirmativo, qual? \_\_\_\_\_

Em caso negativo, por quê?

- ( ) Desconheço a existência de algum curso sobre mídias  
( ) Não tenho interesse em cursos dessa natureza  
( ) Não tenho tempo disponível

#### TELEVISÃO

01. Utiliza a TV em sala de aula?

( ) Sim      ( ) Não

02. Em caso negativo, por que não utiliza essa mídia?

- ( ) A escola não disponibiliza o equipamento.  
( ) Não vejo necessidade de utilizá-la.  
( ) Nunca pensei na possibilidade de inseri-la em minhas aulas.  
( ) Não acredito que proporcione grandes resultados no aprendizado.  
( ) Não sei manusear o equipamento.

03. Em caso afirmativo, com que frequência?

- ( ) uma vez por semana  
( ) mais de uma vez por semana  
( ) uma vez por mês  
( ) mais de uma vez por mês  
( ) raramente

04. Qual a finalidade?

- ( ) Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula  
( ) Somente entretenimento.  
( ) Analisar e discutir conteúdos e programações veiculados pelas emissoras  
( ) Produzir um programa televisivo

05. Já realizou algum projeto envolvendo o uso de TV em sala de aula?

( ) Sim      ( ) Não

06. Em caso afirmativo, em que consistiu esse projeto?

\_\_\_\_\_

07. Que avaliação você faz dos resultados obtidos com esse projeto?

- ( ) Ótimo. Os alunos se envolveram e percebi que houve aprendizado.  
( ) Bom. Os alunos não ficaram muito motivados, mas o resultado foi satisfatório.  
( ) Regular. Não alcancei os meus objetivos e não obtive grandes resultados.  
( ) Ruim. Não obtive resultados favoráveis.

## RÁDIO

01. Utiliza o rádio em sala de aula?  
( ) Sim ( ) Não
02. Em caso negativo, porque não utiliza essa mídia?  
( ) A escola não disponibiliza o equipamento  
( ) Não vejo necessidade de utilizá-lo.  
( ) Nunca pensei na possibilidade de inseri-lo em minhas aulas.  
( ) Não acredito que proporcione grandes resultados no aprendizado.  
( ) Não sei manusear o equipamento
03. Em caso afirmativo, com que frequência?  
( ) uma vez por semana  
( ) mais de uma vez por semana  
( ) uma vez por mês  
( ) mais de uma vez por mês  
( ) raramente
04. Qual a finalidade?  
( ) Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula (através de músicas ou CDs de áudios, por exemplo)  
( ) Somente entretenimento  
( ) Analisar e discutir conteúdos e programações veiculados pelas rádios locais  
( ) Produzir um programa radiofônico com os alunos
05. Já realizou algum projeto envolvendo o uso do rádio em sala de aula?  
( ) Sim ( ) Não
06. Em caso afirmativo, em que consistiu esse projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
07. Que avaliação você faz dos resultados obtidos com este projeto?  
( ) Ótimo. Os alunos se envolveram e percebi que houve aprendizado.  
( ) Bom. Os alunos não ficaram muito motivados, mas o resultado foi satisfatório.  
( ) Regular. Não alcancei os meus objetivos e não obtive grandes resultados.  
( ) Ruim. Não obtive resultados favoráveis.

## INTERNET

01. Utiliza a internet em sala de aula?  
( ) Sim ( ) Não
02. Em caso negativo, por que não utiliza essa mídia?  
( ) A escola não disponibiliza acesso à rede  
( ) Não vejo necessidade de utilizá-la.  
( ) Nunca pensei na possibilidade de inseri-la em minhas aulas.  
( ) Não acredito que proporcione grandes resultados no aprendizado.  
( ) Não sei acessar à internet.
03. Em caso afirmativo, com que frequência?  
( ) uma vez por semana  
( ) mais de uma vez por semana  
( ) uma vez por mês  
( ) mais de uma vez por mês  
( ) raramente
04. Qual a finalidade?  
( ) Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula  
( ) Somente entretenimento.  
( ) Analisar e discutir conteúdos veiculados pela rede.  
( ) Produzir um produto de internet com os alunos (site, blog, fórum, etc.)  
( ) Fazer pesquisas diversas.  
( ) Publicar produções dos alunos (vídeos, textos, etc.)  
( ) Outros \_\_\_\_\_.
05. Já realizou algum projeto envolvendo o uso da internet em sala de aula?  
( ) Sim ( ) Não



06. Em caso afirmativo, em que consistiu esse projeto?

---

---

07. Que avaliação você faz dos resultados obtidos com este projeto?
- Ótimo. Os alunos se envolveram e percebi que houve aprendizado.
  - Bom. Os alunos não ficaram muito motivados, mas o resultado foi satisfatório.
  - Regular. Não alcancei os meus objetivos e não obtive grandes resultados.
  - Ruim. Não obtive resultados favoráveis.

#### **JORNAL IMPRESSO**

01. Utiliza o jornal em sala de aula?
- Sim
  - Não
02. Em caso negativo, por que não utiliza essa mídia?
- A escola não disponibiliza a mídia.
  - Não vejo necessidade de utilizá-la.
  - Nunca pensei na possibilidade de inseri-la em minhas aulas.
  - Não acredito que proporcione grandes resultados no aprendizado.
  - Não costumo ler jornais, por isso não sei como inseri-lo em minha prática pedagógica.
03. Em caso afirmativo, com que frequência?
- uma vez por semana
  - mais de uma vez por semana
  - uma vez por mês
  - mais de uma vez por mês
  - raramente
04. Qual a finalidade?
- Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula através da leitura de textos sobre um determinado tema.
  - Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula através de recortes de termos para análise morfológica ou sintática.
  - Para recorte de figuras e imagens.
  - Somente para entretenimento e estímulo à leitura.
  - Analisar e discutir conteúdos e matérias veiculados pelos jornais locais.
  - Servir de modelo para produzir um jornal escolar com os alunos.
05. Já realizou algum projeto envolvendo o uso de jornais em sala de aula?
- Sim
  - Não
06. Em caso afirmativo, em que consistiu esse projeto?
- 
- 

07. Que avaliação você faz dos resultados obtidos com esse projeto?
- Ótimo. Os alunos se envolveram e percebi que houve aprendizado.
  - Bom. Os alunos não ficaram muito motivados, mas o resultado foi satisfatório.
  - Regular. Não alcancei os meus objetivos e não obtive grandes resultados.
  - Ruim. Não obtive resultados favoráveis.

#### **REVISTA IMPRESSA**

01. Utiliza revistas em sala de aula?
- Sim
  - Não
02. Em caso negativo, por que não utiliza?
- A escola não disponibiliza a mídia.
  - Não vejo necessidade de utilizá-la.
  - Nunca pensei na possibilidade de inseri-la em minhas aulas.
  - Não acredito que proporcione grandes resultados no aprendizado.
  - Não costumo ler revistas, por isso não sei como inseri-la em minha prática pedagógica.
03. Em caso afirmativo, com que frequência?
- uma vez por semana
  - mais de uma vez por semana
  - uma vez por mês
  - mais de uma vez por mês
  - raramente

04. Qual a finalidade?  
( ) Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula através da leitura de textos sobre um determinado tema.  
( ) Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula através de recortes de termos para análise morfológica ou sintática?  
( ) Para recorte de figuras e imagens.  
( ) Somente para entretenimento e estímulo à leitura  
( ) Analisar e discutir conteúdos e matérias veiculados pelas revistas.  
( ) Servir de modelo produzir uma revista escolar com os alunos
05. Já realizou algum projeto envolvendo o uso de revistas em sala de aula?  
( ) Sim ( ) Não
06. Em caso afirmativo, em que consistiu esse projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
07. Que avaliação você faz dos resultados obtidos com este projeto?  
( ) Ótimo. Os alunos se envolveram e percebi que houve aprendizado.  
( ) Bom. Os alunos não ficaram muito motivados, mas o resultado foi satisfatório.  
( ) Regular. Não alcancei os meus objetivos e não obtive grandes resultados.  
( ) Ruim. Não obtive resultados favoráveis.

### VÍDEOS

01. Utiliza vídeos em sala de aula?  
( ) Sim ( ) Não
02. Em caso negativo, por que não utiliza essa mídia?  
( ) A escola não disponibiliza equipamentos para exibição de vídeos.  
( ) Não vejo necessidade de utilizá-la.  
( ) Nunca pensei na possibilidade de inseri-la em minhas aulas.  
( ) Não acredito que proporcione grandes resultados no aprendizado.  
( ) Não sei manusear o equipamento de DVD.
03. Em caso afirmativo, com que frequência?  
( ) uma vez por semana  
( ) mais de uma vez por semana  
( ) uma vez por mês  
( ) mais de uma vez por mês  
( ) raramente
04. Qual a finalidade?  
( ) Introduzir ou complementar um conteúdo estudado em sala de aula, reproduzindo tele-aulas para reforçar o aprendizado.  
( ) Exibir e discutir filmes que estejam relacionados às temática e/ou conteúdos estudados.  
( ) Exibir filmes somente para entretenimento.  
( ) Produzir vídeos com os alunos (filmes, documentários, etc.)  
( ) Outras \_\_\_\_\_.
05. Já realizou algum projeto envolvendo o uso de vídeos em sala de aula?  
( ) Sim ( ) Não
06. Em caso afirmativo, em que consistiu esse projeto?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
07. Que avaliação você faz dos resultados obtidos com este projeto?  
( ) Ótimo. Os alunos se envolveram e percebi que houve aprendizado.  
( ) Bom. Os alunos não ficaram muito motivados, mas o resultado foi satisfatório.  
( ) Regular. Não alcancei os meus objetivos e não obtive grandes resultados.  
( ) Ruim. Não obtive resultados favoráveis.